



**Anais da Jornada de
Trabalhos de Conclusão de Curso
e da I Mostra de Estágios de
Psicologia Social
2023**

Geruza Tavares D'Avila
Andressa Silveira da Silva
Andrew Oliveira de Oliveira
Bruna Medeiros Molina
Carolina Pontes Leonetti
Cíntia Ongaratto
(orgs.)

**ANAIS DA JORNADA DE TRABALHOS
DE CONCLUSÃO DE CURSO
E DA I MOSTRA DE ESTÁGIOS
DE PSICOLOGIA SOCIAL – 2023**



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE FURG**

Reitor

DANILO GIROLDO

Vice-Reitor

RENATO DURO DIAS

Chefe do Gabinete do Reitor

JACIRA CRISTIANE PRADO DA SILVA

Pró-Reitor de Extensão e Cultura

DANIEL PORCIUNCULA PRADO

Pró-Reitor de Planejamento e Administração

DIEGO D'ÁVILA DA ROSA

Pró-Reitor de Infraestrutura

RAFAEL GONZALES ROCHA

Pró-Reitora de Graduação

SIBELE DA ROCHA MARTINS

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis

DAIANE TEIXEIRA GAUTÉRIO

Pró-Reitora de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas

CAMILA ESTIMA DE OLIVEIRA SOUTO

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

EDUARDO RESENDE SECCHI

Pró-Reitora de Inovação e Tecnologia da Informação

DANÚBIA BUENO ESPÍNDOLA

Geruza Tavares D'Avila
Andressa Silveira da Silva
Andrew Oliveira de Oliveira
Bruna Medeiros Molina
Carolina Pontes Leonetti
Cíntia Ongaratto
(organizadores)

**Anais da Jornada de Trabalhos
de Conclusão de Curso
e da I Mostra de Estágios
de Psicologia Social – 2023**



Rio Grande
2024

© Geruza Tavares D'Avila

2024

Designer da capa: Andressa Silveira da Silva
Vitoria Lima Colares
Diagramação da capa: Murilo Borges
Formatação e diagramação: Cinthia Pereira

Ficha catalográfica

J82 Jornada de Trabalhos de Conclusão de Curso e I Mostra de Estágios de Psicologia Social (27 nov. - 08 dez. ; 01 : 16 nov. – 2023 : Rio Grande, RS)
Anais da Jornada de Trabalhos de Conclusão de Curso e da I Mostra de Estágios de Psicologia Social – 2023 [Recurso Eletrônico] / Organizadora Geruza Tavares D'Avila... [et al.]. – Rio Grande, RS: Ed. da FURG, 2024.
42 p.

Outros organizadores: Andressa Silveira da Silva, Andrew Oliveira de Oliveira, Bruna Medeiros Molina, Carolina Pontes Leonetti, Cíntia Ongaratto.

Modo de acesso: <http://repositorio.furg.br>
ISBN 978-65-5754-213-2 (eletrônico)

1. Psicologia 2. Psicologia Social 3. Estágio em Psicologia
I. D'Avila, Geruza Tavares II. Título.

CDU 159.9

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344

Os textos publicados nestes anais – no que se refere ao conteúdo, à correção ortográfica e linguística e ao estilo – são de inteira responsabilidade dos respectivos autores.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
TEXTO DA CONVIDADA	
Formação e prática em Psicologia: uma reflexão sobre graduação, docência e pesquisa entre sujeitos	9
Tainá Valente Amaro	
RESUMOS DA JORNADA DE TCCs	
Você me vê(?): trazendo foco às expressões narrativas da população em situação de rua	13
Gabriela Viana de Oliveira	
A representação racial na literatura e a construção de subjetividades negras	15
Denise Silveira da Rosa	
Psicologia védica: da Índia ancestral à contemporaneidade	17
Edryne Vieira Marshall	
Compreendendo as dimensões emocionais, sociais e cognitivas da Hepatite C em mulheres	18
Kimberly Borges Fonseca	
Sentidos atribuídos ao território por jovens integrantes de um projeto social em uma escola	19
Fernanda Pereira Morais	
Por uma Escrita Clariciana: um ensaio teórico sobre a escrita no contexto psicanalítico	20
Tiago Goncalves Madureira	
Será que isso é coisa de mulher(?): um ensaio sobre a identificação na escuta psicanalítica de mulheres	21
Jucele Devos Martins	
Burning Out: Síndrome de Burnout, docência e fatores preditivos	23
Dhiulyane Farias Gomes Fuentes	
Um poço fitando o céu: as possibilidades de escuta psicanalítica em uma clínica-escola	25
João Victor Garzao Fao	
A educação, o trabalho e a saúde mental dos universitários do período noturno ...	27
Helen Sibelle Nogueira Goncalves	
Trabalho reprodutivo e subjetividade: narrativas de mulheres atendidas em uma USF	29
Camila Sutili Capelesso	
RESUMOS DA I MOSTRA DE ESTÁGIOS EM PSICOLOGIA SOCIAL	
Os [des]propósitos da Psicologia em um consultório na rua: reflexões de um estágio	30
Ornella Erdós Dapuzzo	
Bruna Medeiros Molina e Carine Medeiros Correia (co-autoras)	

O acolhimento como porta de entrada em um CAPS infantojuvenil: relato de experiência	32
Vitoria Lima Colares	
Diálogos sobre a Psicologia Escolar: um relato de experiência de um estágio no IFRS	35
Mauricio Bilhalva de Freitas	
Cinthia da Silveira Simões Pires e Juliana Acosta Brum (co-autoras)	
Contexto social e atos infracionais: um relato de estágio com adolescentes em conflito com a lei	37
Guilherme Freiburger Friedrich	
O significado da alta para o usuário de saúde mental	39
Andrew Oliveira de Oliveira	
Lucyanna Cardozo de Souza Correa Pereira	
Desinstitucionaliz(ação): cuidado contínuo em um serviço de saúde mental	41
Lucyanna Cardozo de Souza Correa Pereira	
Andrew Oliveira de Oliveira	

APRESENTAÇÃO

A Jornada de Trabalhos de Conclusão de Curso da Psicologia 2023 trouxe a temática **“Diálogos entre os diferentes atores do/no processo de pesquisa”** para discussão no período de 27 de novembro a 08 de dezembro de 2023, na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Este momento contou com a apresentação dos Trabalhos de Conclusão de Curso da Psicologia de 2023, além de aula aberta, oficina, roda de conversa e lançamento de E-book.

A aula aberta foi realizada em parceria com o Programa de Pós Graduação em Psicologia (PPGPs), no dia 27 de novembro de 2023, sobre métodos mistos, ministrada pela Profa. Dra. Márcia Luiza Pit Dal Magro, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unochapecó – SC, além da presença da coordenação do PPGPs. As oficinas propostas foram “Redes Sociais para Pesquisadores” e “Repositórios Digitais Brasileiros”, nos dias 27 de novembro e 04 de dezembro de 2023, respectivamente¹. A roda de conversa foi realizada em parceria com o Centro de Atendimento Psicológico (CAP) – FURG, possuindo como objetivo discutir sobre o dispositivo, no dia 01 de dezembro de 2023. O lançamento do E-book “Narrativas da pandemia de Covid-19: Experiências em saúde coletiva” (Maciazeki-Gomes *et al.*, 2023), coordenado pela Residência Multiprofissional em Saúde da Família (RMSF) – FURG ocorreu no dia 07 de dezembro de 2023.

Em consonância com a Jornada de Trabalhos de Conclusão de Curso de Psicologia, a I Mostra de Estágios em Psicologia Social trouxe a temática “Tecendo redes de cuidado” para debate no dia 16 de novembro de 2023 no Prédio do Curso de Psicologia da FURG. O encontro foi marcado pela exposição das experiências de estágio obrigatório – ênfase em psicologia social à comunidade universitária e rio-grandina. Cabe destacar o protagonismo dos estudantes matriculados neste estágio, que organizaram a I Mostra de Estágios em Psicologia Social, acompanhados pelo olhar atento da professora Rita de Cássia Maciazeki-Gomes, no âmbito da disciplina Tópicos Especiais do Estágio em Psicologia Social.

Por fim, nestes anais apresentamos os trabalhos submetidos e aprovados na Jornada de Trabalhos de Conclusão de Curso da Psicologia 2023 – “Diálogos entre os diferentes atores do/no processo de pesquisa” e na I Mostra de Estágios em Psicologia Social – “Tecendo redes de cuidado”. Antes dos resumos propriamente ditos, apresentamos o texto de nossa convidada Profa. Tainá Valente Amaro, que nos contempla com uma discussão sobre a formação e a prática em Psicologia. Assim, desejamos boa leitura e agradecemos quem esteve conosco!

Cíntia Ongaratto*
Geruza Tavares D’Avila**

¹ Cabe destacar que a primeira Oficina não pôde ser ministrada, e sua realização foi adiada.

* Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Integrante do Grupo de Estudos em Saúde Coletiva dos Ecossistemas Costeiros e Marítimos (GESCEM).

** Docente do curso de graduação e pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Coordenadora do Núcleo de estudos do trabalho e constituição do sujeito (NETCOS).

Andressa Silveira da Silva^{***}
Andrew Oliveira de Oliveira^{****}
Bruna Medeiros Molina^{*****}
Carolina Pontes Leonetti^{*****}

Comissão Organizadora da Jornada de TCCs – 2023.

REFERÊNCIAS:

MACIAZEKI-GOMES, Rita de Cássia; AREJANO, Ceres Braga; MENEGUEL, Stela Nazareth (Orgs.). *Narrativas da pandemia de COVID-19: experiências em Saúde Coletiva* [Recurso Eletrônico]. Rio Grande, RS: Ed. da FURG, 2023.

^{***} Graduada em Artes Visuais Bacharelado pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG e em Psicologia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Mestra em Psicologia pela FURG. Doutoranda em Educação em Ciências pela FURG.

^{****} Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG

^{*****} Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Integrante do Grupo de Estudos em Saúde Coletiva dos Ecossistemas Costeiros e Marítimos (GESCEM).

^{*****} Servidora da Universidade Federal do Rio Grande – FURG e mestranda em Psicologia pela mesma Universidade. Integrante do Núcleo de estudos do trabalho e constituição do sujeito (NETCOS).

TEXTO DA CONVIDADA

FORMAÇÃO E PRÁTICA EM PSICOLOGIA: UMA REFLEXÃO SOBRE GRADUAÇÃO, DOCÊNCIA E PESQUISA ENTRE SUJEITOS

Tainá Valente Amaro*

Início dizendo o prazer que foi participar das Jornadas de TCC do curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) no ano de 2023, como banca e como avaliadora. É com orgulho que passei pelos corredores da Psicologia e vi nas paredes os cartazes com o cronograma dos trabalhos, além de dicas para os apresentadores/as. Sei que estes movimentos fizeram parte do olhar detalhista e cuidadoso da equipe organizadora, que se preocupou em tornar este momento, que gera tanta ansiedade para quem está em período de conclusão de curso, mais acolhedor. Tornar este momento uma jornada com muito afeto e com possibilidade de continuação para a vida acadêmica, inclusive com a publicação de anais, é um movimento de dar esperança para os graduandos e também egressos do curso que podem vislumbrar, posteriormente, uma possível carreira acadêmica.

A Jornada de Trabalhos de Conclusão de Curso da Psicologia 2023 trouxe a temática “Diálogos entre os diferentes atores do/no processo de pesquisa”. Como pesquisadora e psicóloga, que não acredita na neutralidade científica, acredito que o/a pesquisador(a) se colocar como ator no processo de pesquisa é de extrema importância. Nos trabalhos que pudemos acompanhar nesta jornada, assistimos os/as estudantes se posicionando, se apresentando, apresentando ideias e, com gentileza, nos deixando conhecer um pouco de suas histórias de vida. É por isso que aqui também faço exercício e peço licença para me apresentar.

Sou Tainá, filha de Ana e de Oxalá (como era apelidado meu pai Cláudio) – ao ingressar em uma comunidade tradicional de matriz africana me foi revelado que o dono do meu Orí² é o pai oxalá, portanto, sou filha de Oxalá duas vezes. Morei por muitos anos ao lado da FURG, no bairro Carlos Santos. Porém, a universidade, embora muito perto geograficamente, sempre esteve muito distante de mim, da minha família, de meus amigos e vizinhos de bairro, sendo eu a primeira pessoa da minha família a ingressar em uma universidade. Ao ingressar na FURG, sempre tive como objetivo participar de tudo que a universidade e o meio acadêmico pudessem me proporcionar. Foi assim que participei do PET, do CEP-RUA, do Centro Acadêmico, da organização de eventos e do coletivo de negras e negros Macanudos.

Em 2018, apresento meu Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Trajetórias e (Re)Existências de mulheres Pretas Psicólogas no Sul do Brasil” com orientação das professoras Suzana Molon e Miriam Alves. Este estudo teve como objetivos “mapear

* Psicóloga graduada pela Universidade Federal do Rio Grande – (FURG). Professora substituta na mesma universidade. Mestre em Psicologia Social Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Integrante do Grupo de Pesquisa Educação para as Relações Étnico Raciais (ERER-FURG).

² A palavra Orí faz parte do vocabulário da língua iorubá. Comum nas religiões de matriz africana no Brasil, principalmente nas diferentes nações de Candomblé, descreve o recipiente que é capaz de processar os pensamentos (a cabeça, a mente e a inteligência).

e compreender as trajetórias de (re)existências no processo de formação e de atuação profissional de mulheres pretas psicólogas na Região Sul do estado do Rio Grande do Sul e identificar de que modo o racismo é evidenciado nesses contextos” (AMARO; ALVES; MOLON, 2019). Recordo que naquele ano, eu fui a primeira pessoa a apresentar o TCC. Concomitante ao último ano do curso, eu estava realizando a seleção para o Mestrado em Psicologia Social na UERJ, para o qual fui selecionada e posteriormente fui bolsista a nível de mestrado do programa NOTA 10 da FAPERJ (Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro)³. Em 2021, defendo meu mestrado de forma remota e com todos os atravessamentos da pandemia da covid-19, concluí o meu mestrado.

Cinco anos depois retorno como professora substituta da FURG, onde ministrei disciplinas de Psicologia da Educação. Isso me gerou muita alegria, aprendizados e também angústias, como uma professora negra, pois apesar da Lei 12.990, que estabelece reserva de 20% das vagas para pessoas negras em concursos públicos federais completar dez anos no ano de 2024, ainda temos um corpo docente majoritariamente branco em todos os cursos da universidade, o que nos alerta sobre a dificuldade de efetivação da referida Lei e também sobre as resistências que existem para que o magistério superior seja realmente plural e diverso.

Ao chegar, retorno a uma FURG modificada e percebo as mudanças na universidade e no curso de Psicologia. Vejo turmas mais coloridas, com estudantes engajados politicamente e preocupados com o social. Pessoas realizando diferentes pesquisas e preocupadas com o retorno para a sociedade.

Em 2023, também retomamos o grupo de pesquisa sobre saúde mental e relações raciais, grupo que iniciei como coordenadora estudante de Psicologia em 2015, juntamente com o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro e Indígena (NEABI – FURG), coordenado pela prof^a Cassiane Paixão. Considero que retornar como professora a este grupo tem uma relevância afetiva e política para mim e para o curso de Psicologia, pois formado em um período em que os estudantes questionavam a presença de autores/as negras nas ementas do curso e também o (não) lugar das discussões sobre raça, racismo, identidade e seus atravessamentos nos estudos sobre saúde mental, bem-estar, adoecimento e sofrimento psíquico em um país cuja população é em sua maioria negra, ele é um espaço importante para que se possa debater essas pautas. E é isso que deve acontecer em um espaço universitário.

Fizemos como leitura a obra *Memórias de Plantação*, da escritora, multiartista e psicanalista Grada Kilomba e eu gostaria de trazer aqui a noção de pesquisa centrada em sujeitos da autora. A pesquisa centrada em sujeitos explora as experiências, auto-percepções e negociações de identidade do sujeito, considerando-o um ser político, social e individual. Este enfoque busca romper com a objetividade e permitir a expressão da realidade a partir da perspectiva própria do sujeito, dando-lhe o direito de (re)definir e recuperar a história de grupos marginalizados. O reconhecimento desse direito no âmbito acadêmico é fundamental.

Poder ler trabalhos cada vez mais engajados socialmente com a preocupação de levar para os serviços os resultados e sobretudo trazer de forma ativa os usuários e trabalhadores dos serviços, como o que vimos na jornada, é de extrema importância. Além disso, destaco a diversidade dos referenciais teóricos-metodológicos apresentados também pelas pesquisas desenvolvidas.

³ O programa Bolsa Nota 10 tem como seu principal objetivo incentivar os programas de pós-graduação do Estado do Rio de Janeiro de significativa excelência, mediante a concessão de bolsas com valores diferenciados a alunos de mestrado e doutorado com desempenho acadêmico em destaque.

Tanto na graduação, quanto no mestrado, me dedico a tensionar a Psicologia enquanto ciência e profissão, que se omitiu por muito tempo no compromisso com a diversidade. E também destaco as rupturas que têm sido feitas partindo, principalmente, pelos/as estudantes de graduação coletivamente organizados.

A formação em Psicologia tem seus desafios, mas também as possibilidades de trabalhar e conhecer uma profissão tão importante.

Ao retornar como docente, percebo que algumas demandas permanecem as mesmas de quando eu estava na graduação, mas também é com alegria que também percebo muitas mudanças, desde a ocupação maior do prédio, das paredes, das salas e também, as mudanças no quadro docente. Além disso, as diferentes discussões, grupos de estudos e pesquisa, e outras formas de fazer pesquisa que hoje acontecem no curso.

A própria existência de uma Jornada de TCC's com certificação de participação, tanto para apresentadores, como para ouvintes, a possibilidade de publicação do resumo do TCC em anais, para além da formalização dos trabalhos serem publicados na biblioteca, algo que era feito de forma autônoma pelos estudantes que desejam publicar, se faz hoje um diferencial positivo para os docentes do curso.

Estes processos tornam a escrita acadêmica menos solitária e angustiante, pois geram trocas necessárias, valorizam o trabalho de cada discente e instiga a escrita acadêmica para futuros trabalhos.

Os trabalhos apresentados esse ano possuem uma diversidade de temas. Foram abordadas as narrativas da população em situação de rua; a representação racial na literatura; a psicologia védica; as dimensões emocionais, sociais e cognitivas da Hepatite C em mulheres; sentidos atribuídos ao território por jovens; estilos parentais, práticas educativas e intergeracionalidade; a escrita no contexto psicanalítico; a identificação na escuta psicanalítica de mulheres; síndrome de burnout na docência; as possibilidades de escuta psicanalítica em uma clínica-escola; a saúde mental dos universitários trabalhadores; trabalho reprodutivo e subjetividade entre outros.

Todos os temas apresentados dizem sobre a importância da constante atualização das práticas e teorias do campo psi e são trabalhos que demonstram a sensibilidade na escuta das diferentes populações atendidas, que possuem uma atenção aos marcadores sociais da diferença e suas interseccionalidades de raça, gênero, sexualidade, idade e classe.

Os atores dos diferentes contextos nos dizem sobre a importância da teoria que nos convoque, também, para a ação, pois como nos dizem as escritoras Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge em seu livro "Interseccionalidade":

A teoria é necessária, contudo, não pode ser o ponto-final, pois existem lutas e necessidades políticas. As experiências que emergem das lutas políticas podem canalizar um vocabulário conceitual enriquecido para entendermos as opressões interseccionais, mas a experiência não examinada também é insuficiente. A sinergia entre ideia e ação é importante (COLLINS; BILGE, 2021 p. 97).

Como muito ouvimos e falamos nas bancas, os trabalhos de conclusão de curso não se acabam ali no momento de apresentação, mas fazem parte de uma jornada de/para a intelectualidade. Aqui vimos muitos intelectuais nascerem e florescerem com suas pesquisas que fazem parte da história do curso de Psicologia da FURG.

Por último, gostaria de destacar a presença dos amigos, familiares, companheiros/as dos apresentadores que estiveram presentes nas dedicatórias, ao longo do texto e certamente em toda essa jornada de ser e se tornar psicólogo/a. Toda essa jornada se torna mais significativa com aqueles que amamos e que construíram a estrada que hoje caminhamos!

REFERÊNCIAS

AMARO, Tainá; ALVES, Míriam; MOLON, Susana. Trajetórias e (re)existências de mulheres pretas psicólogas. *Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul. Núcleo de Relações Raciais [livro digital]: percursos, histórias e movimentos / Núcleo de Relações Raciais, Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul, 2019. Disponível em: https://crprs.org.br/conteudo/publicacoes/ebook_NRR_final.pdf

BRASIL. *Lei de Cotas no Serviço Público Federal*, nº 12.990 de 09 de junho de 2014. Institui a reserva aos negros 20% (vinte por cento) das vagas oferecidas nos concursos públicos para provimento de cargos efetivos e empregos públicos no âmbito da administração pública federal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12990.htm.

COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Tradução Rane Souza. – 1.ed. – São Paulo: Boitempo, 2021.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação de episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

RESUMOS DA JORNADA DE TCCs

VOCÊ ME VÊ(?): TRAZENDO FOCO ÀS EXPRESSÕES NARRATIVAS DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA

Gabriela Viana de Oliveira*

Rita de Cássia Maciazeki-Gomes (orientadora) e
Andressa Silveira da Silva (co-orientadora)

RESUMO

A partir de conceitos trabalhados pela Psicologia Sócio-histórica, o trabalho objetivou analisar as narrativas da População em Situação de Rua expressas nas oficinas de fotografia, realizadas no Centro POP de um município no interior do RS. Para metodologia foi adotada a Pesquisa Narrativa, que considera a temporalidade, a sociabilidade e o lugar onde se dá a experiência, contando, também, com registros em diário de campo e entrevistas com os participantes, a partir do material produzido nas oficinas. Para análise dos dados foi utilizada a Análise Temática (AT), emergindo duas dimensões temáticas: Afeto e Subjetividade. Em Afeto ganham destaque as Relações Institucionais que abordam a função das oficinas no cotidiano dos usuários e o vínculo com a equipe e o espaço do Centro POP; e as Relações Pessoais que apontam para as relações entre humano-humano e humano-cão. Na dimensão da Subjetividade surgem aspectos das Relações Eu-mundo que destacam memórias, desejos e sofrimentos. Os resultados produzidos apontam para o impacto do contexto social no qual vive a PSR sobre a sua construção subjetiva e a maneira como sustentam suas relações. Também demonstram como a desumanização dessa população produz um sofrimento ético-político, apontando para a necessidade de pensar e construir práticas que resgatem a ideia de humanidade do sujeito, levando em conta as suas singularidades e especificidades, aumentando sua capacidade de ação e potência, sem se esquecer de fatores políticos e sociais que envolvem essa complexa questão.

Palavras-chave: População em Situação de Rua; Fotografia; Afetos; Subjetividade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. *Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009*. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 23 jan. 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm. Acesso em: 27 de abr. de 2023.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. *Pesquisa narrativa: Experiência e história em pesquisa qualitativa*. 2ª ed. Uberlândia: EDUFU, 2011.

GRAMAJO, S. *et al.* (Sobre)viver na Rua: Narrativas das Pessoas em Situação de Rua sobre a Rede de Apoio. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 43, p. e243764, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/KnJ4NzHKBLksDZw7Dv5mhNm/>. Acesso em: 20 de nov. 2023.

* Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Integrante do Grupo de Estudos em Saúde Coletiva dos Ecossistemas Costeiros e Marítimos (GESCEM)

OLIVEIRA, J.; ANDRADE, L. Mulheres em Situação de Rua: Desigualdades de gênero e estratégias de sobrevivência. *Faculdade de Ciências da Vida*, 2019. Disponível em: <https://www.faculdadecienciasdavid.com.br/repositorio-institucional?p=22&>. Acesso em: 10 de nov. 2023

SAWAIA, B. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: SAWAIA, B. (Org.). *Artimanhas da Exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 2 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001. p. 97-118.

SOUZA, L. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 2, p. 51-67, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 5 de nov. 2023.

VELOSO, A.; BUSARELLO, F. Sussurros afetivos: ética e afeto na práxis psicossocial. In: SAWAIA, B.; ALBUQUERQUE, R.; BUSARELLO, R. (Org.). *Afeto e comum: reflexões sobre a práxis psicossocial*. São Paulo: EDUA, 2018. p. 81-100.

A REPRESENTAÇÃO RACIAL NA LITERATURA E A CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADES NEGRAS

Denise Silveira da Rosa*
Tainá Valente Amaro (orientadora)

RESUMO

Para afirmar um modelo de civilização baseado na matriz europeia, nossa identidade nacional foi construída a partir da ideologia do branqueamento e pela exclusão das contribuições dos povos africanos. Considerando que há uma constância discursiva de colonização que orienta nossas práticas sociais e pedagógicas e que, portanto, possuem o poder de forjar subjetividades, o presente estudo tem por objetivo questionar os sistemas de representação do significante negro a partir da literatura; sua origem, as ideologias e relações de poder que operam suas redes discursivas e os possíveis efeitos dessas representações na constituição de subjetividades negras. A metodologia utilizada é a revisão bibliográfica. Para essa discussão, faço um breve percurso histórico a partir do período oitocentista para identificar a origem e as motivações políticas das representações estereotipadas do significante negro na literatura brasileira. Ao se elevar na categoria de universal, os estudos eurocentrados acerca do humano não abarcam a multiplicidade do humano na sua diferença, por isso, a autoria negra de intelectuais para estudar as categorias de representação e subjetividade, ainda que psicanalítica, se pretende decolonial e afrodiaspórica.

Palavras-chave: Representação negra; Estereótipos; Produção de subjetividades.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 64 p.
- ALMEIDA, Sílvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Jandaíra. 2019.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Ed. 6ª. Belo Horizonte: Itatiaia. 2000.
- EVARISTO, Conceição. Da representação a auto-representação da mulher negra da mulher negra na literatura brasileira. *Revista Palmares: cultura afro-brasileira*, Brasília, ano 1, n. 1, ago. 2005. p. 54.
- GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro e a Intelectualidade Negra Descolonizando os currículos. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; e GROSGOUEL, Ramón. *Decolonialidade E Pensamento Afrodiaspórico*. Ed. 2ª. Belo Horizonte: Autêntica. 2020. p. 223-246.
- GUIMARÃES, Bernardo. Uma história de quilombolas. In: *Lendas e romances*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 5-141.
- HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Tradução MIRANDA, Daniel; e OLIVEIRA, Willian. Rio de Janeiro: PUC-RIO: Apicuri, 2016.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação – Episódios de Racismo Cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. Ed: 1ª. p. 248.

* Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG

PROENÇA FILHO, Domicio. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Estudos Avançados. Revista do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo*. Vol. 18, n. 50, 2004.

SOUZA, Neuza Santos. *Tornar-se negro: ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social* Rio de Janeiro: Zahar. Ed: 1ª. 2021. p. 171.

PSICOLOGIA VÉDICA: DA ÍNDIA ANCESTRAL À CONTEMPORANEIDADE

Edryne Vieira Marshall*

Rita de Cássia Maciazeki-Gomes (orientadora)

RESUMO

Com o objetivo de caracterizar e contextualizar a Psicologia Védica enquanto paradigma, cosmovisão e abordagem, este trabalho discorre sobre os pressupostos ontológicos e epistemológicos que constituem as bases da Psicologia Indiana ancestral, assim como, elucida possibilidades de compreensão e aplicabilidade do paradigma psicológico védico. Através da pesquisa referencial em estudos contemporâneos e em clássicos védicos e do conhecimento prévio da autora enquanto professora de Yoga, terapeuta Ayurveda e estudante de Psicologia no século XXI, o ensaio acadêmico foi o método utilizado para a elaboração científica proposta no trabalho. Desafiando o ethos euro-americano, a Psicologia Védica emerge no Ocidente como uma nova força na Psicologia que, em resposta às necessidades contemporâneas, contempla os aspectos cósmicos, espirituais e transcendentais do ser humano. As interpretações elucidadas não pretendem exaurir uma única via de definição, mas sim, fomentar novas possibilidades holísticas e multidimensionais que sejam um bem agregado às psicologias existentes e ao bem-viver humano.

Palavras-chave: Psicologia védica; Psicologia indiana; Psicologia holística.

REFERÊNCIAS

- BEHERE, P; DAS, A.; YADAV, R.; BEHERE, A. Ayurvedic concepts related to psychotherapy. *Indian Journal of psychiatry*, 55(2), janeiro, 2013.
- BELAGULI, G.; SAVITHA, H. An empirical understanding on the concept of Sattvavajaya Chikitsa (Ayurveda Psychotherapy) and a minireview of its research update. *Indian Journal of Health Sciences and Biomedical Research*, 12(1), jan/abr, 2019.
- CORNELISSEN, M. *Psychology: Five Major Indian Contributions*. Indian Knowledge Systems, Nova Deli: D. K.Printworld, v.1, India, 2005.
- FERNANDES, L.; FABRIZ, D. Para Repensar a Hermenêutica Constitucional Brasileira a partir do Novo Constitucionalismo Latino-Americano: um diálogo com o pensamento decolonial. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, Brasília, 12(1), fev/abr, 2018.
- GULMINI, L. *O YogaSutra de Patañjali*: Tradução e análise da obra, à luz de seus fundamentos contextuais, intertextuais e linguísticos. Dissertação de mestrado em Semiótica e Linguística Geral – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.
- OLIVEIRA, F.; *Prāṇa, Prāṇāyama e Consciência*: Reflexões sobre estados alterados de consciência no yoga de Swami Vivekananda. Dissertação de mestrado em Ciência da Religião – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, julho, 2022.
- SHARMA; M. Indian Psychology – Exploring the Historical Roots, Emerging Trends and Future Implications. *The International Journal of Indian Psychology*, India, 9(2), abr/jun, 2021.
- VIVEKANANDA, S. *Raja Yoga*. Editora Vedanta, março, 2018.

* Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG

COMPREENDENDO AS DIMENSÕES EMOCIONAIS, SOCIAIS E COGNITIVAS DA HEPATITE C EM MULHERES

Kimberly Borges Fonseca*

João Centurion Cabral (orientador) e
Vanessa Andina Teixeira (co-orientadora)

RESUMO

Durante o período de 2000 a 2021, um total de 279.872 indivíduos receberam o diagnóstico de infecção pelo vírus da Hepatite C no Brasil. Esta infecção é considerada uma das principais responsáveis pela ocorrência de doença hepática crônica, cirrose hepática e carcinoma hepatocelular. Assim, a carga de doenças associadas às hepatites virais emerge como uma considerável preocupação para o Sistema Único de Saúde (SUS). Este estudo teve como objetivo investigar as emoções e sentimentos vivenciados por mulheres infectadas com Hepatite C, bem como, compreender a percepção das alterações cognitivas associadas à doença. Trata-se de um estudo descritivo exploratório, de abordagem qualitativa, envolvendo cinco participantes do gênero feminino. Este estudo faz parte de um projeto mais amplo, que foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande (CAAE: 69173723.2.0000.5324). A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário sociodemográfico e uma entrevista semiestruturada. A organização e tabulação dos dados foram conduzidas após a transcrição das entrevistas. A análise dos dados seguiu a técnica de análise de conteúdo temática de Bardin, resultando na identificação de etapas principais, categorias primárias e subcategorias, a partir dos discursos das participantes. Visando atender aos objetivos, as etapas principais foram divididas em três momentos: diagnóstico, tratamento/doença e pós-tratamento. Com base nos relatos das participantes, foram criadas as categorias para serem analisadas: impactos emocionais, impactos na vida/sociais e impactos cognitivos, cada uma com subcategorias classificadas respectivamente como “Negativos” e “Positivos”, “Adaptações e Mudanças”, “Apoio e Suporte Social” e “Preconceito e Isolamento Social”, “Prejuízos” e “Recuperação”. A categoria de maior frequência foi “impactos emocionais – negativos”. Diante do exposto, a categoria “impactos emocionais – negativos” demonstra a profunda influência da Hepatite C no bem-estar psicológico dos indivíduos afetados. Isso ressalta a necessidade de abordagens multidisciplinares que considerem, não apenas o aspecto físico da doença, mas também, o impacto emocional e cognitivo. A compreensão desses aspectos é crucial para o desenvolvimento de estratégias de apoio e intervenções eficazes, visando melhorar a qualidade de vida e o enfrentamento da doença por parte dos pacientes.

Palavras-chave: Hepatite C, Alterações Cognitivas, Qualidade de Vida.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. *Boletim Epidemiológico: Hepatites Virais*. Brasília, 2022.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições, 70, 2011.

* Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG

SENTIDOS ATRIBUÍDOS AO TERRITÓRIO POR JOVENS INTEGRANTES DE UM PROJETO SOCIAL EM UMA ESCOLA

Fernanda Pereira Morais*
Geruza Tavares D'Avila (orientadora)

RESUMO

O modo como a juventude se relaciona afetivamente com o território em que vive constitui uma importante esfera de análise da experiência juvenil, associada com as bases do desenvolvimento psíquico e com a própria identidade, “na medida em que a identidade relaciona-se não apenas à identificação com os lugares, mas também à vinculação afetiva e transformadora na relação com o ambiente” (FEITOSA *et al*, 2018, p. 198). Diante do exposto neste trabalho, foram produzidas análises acerca dos sentidos atribuídos ao território por jovens integrantes do projeto social Acreditar é Investir da escola municipal Cidade do Rio Grande – CAIC, na zona oeste da cidade de Rio Grande. Ademais, pesquisou-se também os afetos e as vivências de um grupo de 5 a 15 jovens inseridos nesse contexto educativo e social, bem como, a forma com que os mesmos se entendem enquanto moradores desse território e suas noções de pertencimento e senso comunitário. Foram utilizados, como procedimentos metodológicos, a observação participante a partir da inserção da pesquisadora no campo, a ferramenta do diário de campo, um questionário sócio econômico e grupos focais acerca da temática. Para investigação das informações levantadas, utilizamos as unidades de análise cunhadas por Vygotsky (2001) e construímos três unidades relacionadas respectivamente 1) ao perfil dos jovens, 2) à afetividade e às vivências para com território e 3) aos sentidos de pertencimento e comunidade. Como resultado, foi possível verificar as relações existentes entre seus olhares, suas práticas no território e suas formas de atribuir sentidos a ele, bem como, a importância dos sentidos em suas relações e seus processos psicossociais.

Palavras-chave: Juventude; Território; Produção de sentidos e significados; Pertencimento; Comunidade

REFERÊNCIAS

- FEITOSA, Maria Zelfa de Souza, *et al.*. Afetividade, território e vulnerabilidade na relação pessoa-ambiente: um olhar ético político. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 30, n. 30(2), mai-ago, 2018.
- VIGOTSKI, L. S. (2001). *A construção do pensamento e da linguagem*. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.

* Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG

POR UMA ESCRITA CLARICIANA: UM ENSAIO TEÓRICO SOBRE A ESCRITA NO CONTEXTO PSICANALÍTICO

Thiago Goncalves Madureira*
Daniela Delias de Sousa (orientadora)

RESUMO

Ao longo de sua obra, Freud analisaria e aprofundaria o processo de criação do artista e sua relação com o brincar infantil, a relação do leitor/expectador com a arte e faria uso de grandes obras e personagens da literatura para instruir seus leitores a respeito dos complexos conceitos psicanalíticos e processos no desenvolvimento das pessoas. Todavia, em nenhum momento o criador da psicanálise pensou na arte como um meio de criar, com seus analisandos, uma nova forma de fazer terapêutico, como meio de cura ou diminuição dos sintomas e sofrimentos psíquicos. O presente trabalho tem como objetivo explorar a escrita como uma possibilidade de intervenção clínica de orientação psicanalítica. Para tal empreitada, utilizo o ensaio teórico como modelo metodológico. Examino, inicialmente, a relação de Freud com a literatura. Em um segundo momento, teço um panorama sobre o uso, na filosofia antiga, da escrita de si como uma ética do viver baseada na máxima socrática “conhece-te a ti mesmo”. A seguir, abordo a literatura acerca do método da escrita terapêutica e seus efeitos no psiquismo, bem como a teoria literária acerca dos gêneros autobiografia e autoficção. Por fim, proponho uma intervenção chamada escrita clariciana, argumentando que o modo como a escritora Clarice Lispector se relaciona com a própria escrita enquanto descoberta de si e tomada de consciência de algo não sabido, pode se tornar uma forma de proporcionar avanços significativos no processo terapêutico de cada paciente.

Palavras-chave: Escrita; psicanálise; Clarice Lispector.

REFERÊNCIAS:

- FREUD, S. O poeta e o fantasiar (E. Chaves Trad.). In: *Arte, Literatura e os artistas* (p. 53-68). Autêntica Editora, 2021. (Trabalho original publicado em 1908).
- FOUCAULT, M. A escrita de si . In: *O que é um autor?* (p. 129-160). Passagens, 1992.
- LISPECTOR, C. Crônicas para jovens: de escrita e vida (1 ed). Rocco Jovens Leitores, 2010.

* Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG

SERÁ QUE ISSO É COISA DE MULHER? UM ENSAIO SOBRE A IDENTIFICAÇÃO NA ESCUTA PSICANALÍTICA DE MULHERES

Jucele Devos Martins*

Daniela Delias de Sousa (orientadora)

RESUMO

O processo de identificação pode ser pensado como um fenômeno do desenvolvimento humano que se inicia precocemente. Na perspectiva psicanalítica freudiana, trata-se da mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa, bem como um movimento psíquico inconsciente em relação ao outro. Podemos inferir, a partir disso, que o ser humano apenas desenvolve sua humanidade através do outro em relação e que a constituição do eu ocorre através da identificação com o outro. No contexto psicoterapêutico, a identificação pode ser compreendida como parte da técnica transferencial/contratransferencial, promovendo a formação de vínculo entre terapeuta e paciente. Ao longo do estágio de psicologia clínica em uma clínica-escola, pude perceber que não somente o fato de ser mulher me aproximava das mulheres que atendi, mas a escuta de suas histórias: embora singulares, as narrativas trouxeram elementos análogos entre si. Nessa direção, no presente estudo, busquei explorar o fenômeno da identificação na escuta psicoterápica psicanalítica de mulheres no contexto das primeiras experiências em psicologia clínica, realizadas em uma clínica-escola. O desenho metodológico escolhido foi o ensaio teórico. Para tanto, conduzi uma pesquisa a partir das bases de dados do Google Acadêmico, sem demarcação de período, utilizando as palavras-chave identificação, mulheres, psicanálise e psicoterapia. Ao longo do texto, exploro o conceito de identificação e a sua importância nos processos clínicos. A seguir, proponho uma reflexão sobre o feminino e o sofrimento mental que afeta sobretudo as mulheres em virtude das desigualdades de gênero. Por fim, examino, a partir de uma reflexão sobre minhas primeiras escutas clínicas, o lugar da condição de gênero como um ponto de identificação entre psicoterapeuta e mulheres em psicoterapia. Ao final do percurso, aponto para a constatação de que a escuta psicanalítica me convoca a ter um posicionamento político em relação à clínica, no sentido de encarar os problemas enfrentados pelas pacientes não somente como algo de foro íntimo: exige-se que o olhar se amplie, contextualizando a natureza cultural destes problemas.

Palavras-chave: identificação; mulheres; escuta psicanalítica; clínica-escola.

REFERÊNCIAS

ALONSO, S. L. Feminismos, psicanálise e política. *Clínica & cultura*, 8(1), 101-111, 2019. Recuperado em 14 de outubro de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2317-25092019000100010&lng=pt&tlng=pt.

ARAÚJO, M.F. Violência e abuso sexual na família. *Psicologia Em Estudo*, 7(2), 3-11, 2002. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722002000200002>

CARDOSO, C. C. *Psicanálise e feminismos: Possíveis entrelaçamentos*. [Monografia de graduação]. Universidade Federal do Maranhão, 2021.

CASSORLA, R.M.S. Afinal, o que é esse tal de enactment. *Jornal de Psicanálise*, 46(85), 183-198, 2013. Recuperado em 12 de novembro de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010358352013000200017&lng=pt&tlng=pt.

* Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG

- BRENNER, C. *Noções básicas de psicanálise*. 3 ed. São Paulo: editora Imago, 1975.
- DUQUE, F. de Assis. Empatia psicanalítica: possibilidades e dificuldades. *Estudos de Psicanálise*, (49), 97-104, 2018. Recuperado em 01 de novembro de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372018000100009&lng=pt&tlng=pt.
- FREUD, S. *Psicologia das massas e análise do eu*. Porto Alegre, RS: L&PM editores, 2013. (Trabalho original publicado em 1921).
- FREUD, S. Estudos Sobre a Histeria (1893-1895). *Obras completas*. Traduzido por Laura Barreto, (Vol. 2). Companhia das Letras, 2016. (Trabalho original publicado em 1893).
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da Sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“o caso Dora”) e outros textos. (1901-1905). *Obras completas*. Traduzido por Paulo César de Souza, (vol. 6). Companhia das Letras, 2016. (Trabalho original publicado em 1901).
- GUIMARÃES, V. C., & Celes, L. A. M. O psíquico e o social numa perspectiva metapsicológica: o conceito de identificação em Freud. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 23(3), 341-346, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722007000300014>
- KEHL, M. R. (2008). *Deslocamentos do Feminino* (2a ed.). Imago, 2008.
- LAGO, M. (2012). *A psicanálise nas ondas dos feminismos*, 2012. https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1350/a_psicanalise_nas_ondas.pdf?se
- NASIO, J. D. *Édipo: O complexo do qual nenhuma criança escapa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- NUNES, ACP, da SILVA, CC, de CARVALHO, CTC, da SILVA, FG, & da FONSECA, PC dos SB. Violência infantil no Brasil e suas consequências psicológicas: uma revisão sistemática. *Revista Brasileira de Desenvolvimento*, 6(10), 2020. <https://doi.org/10.34117/bjdv6n10-392>
- OLIVEIRA, P. A., & NICOLAU, R. F. Feminino em Questão: Diálogos Contemporâneos entre Psicanálise e Feminismo. *Revista Subjetividades*, 20 (Esp. 2. O Contemporâneo à Luz da Psicanálise), e8974, 2020. <http://doi.org/10.5020/23590777rs.v20iEsp2.e8974>
- PAPALIA & FELDMAN (2013). *Desenvolvimento Humano*. 12 ed. Porto Alegre: AMGH ed.
- PASSOS, M. C & POLAK, P. M. A identificação como dispositivo da constituição do sujeito na família. *Mental*, 2(3), 39-50, 2004. Recuperado em 22 de julho de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272004000200004&lng=pt&tlng=pt.
- RATES, S. M. M., MELO, E. M. de ., MASCARENHAS, M. D. M., & MALTA, D. C. Violência infantil: uma análise das notificações compulsórias, Brasil 2011. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(3), 2015, 655-665. <https://doi.org/10.1590/1413-81232015203.15242014>
- RIBEIRO, M. F. de R. Uma reflexão conceitual entre identificação projetiva e enactment: O analista implicado. *Cadernos de psicanálise (Rio de Janeiro)*, 38(35), 2016, 11-28. Recuperado em 22 de julho de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952016000200001&lng=pt&tlng=pt.
- SAFFIOTI, H. Gênero patriarcado violência. (2 ed). Expressão Popular, 2015.
- SANTOS, M. B. d. As contribuições de Sandor Ferenczi acerca da violência sexual infantil. *Revista Práxis Psicanalítica*, 1(1), 2021, 01-17. <https://doi.org/10.53900/praxan.v1n1.005>
- SANTOS, G.F. Identificação projetiva e contratransferência: o manejo clínico em questão. [monografia de pós-graduação]. Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.
- TIMM, F. B. PEREIRA, O.P. & G. D.C. Psicologia, violência contra mulheres e feminismo: em defesa de uma clínica política. *Psicologia Política*, 11(22), 2011, 247-259. Recuperado em 12 de novembro de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2011000200005&lng=pt&tlng=pt.
- ZIMERMAN, D. E. *Manual de técnica psicanalítica [recurso eletrônico]: uma re-visão*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BURNING OUT: SÍNDROME DE BURNOUT, DOCÊNCIA E FATORES PREDITIVOS

Dhiulyane Farias Gomes Fuentes*

João Carlos Centurion Cabral (orientador) e
Helen Bedinoto Durgante (co-orientadora)

RESUMO

O estresse ocupacional crônico faz parte do cotidiano de todas as classes profissionais (Shah, Gandrakota & Cimiotti *et al.* 2020; Li, Li & Lv *et al.* 2020). Entretanto, quando esse nível de estresse ocupacional é alto e prolongado, pode gerar respostas inadequadas (de Almeida *et al.*, 2015; Cabral *et al.*, 2016). Essa dificuldade em lidar com os estressores crônicos, em conjunto com outras variáveis individuais, como traços de personalidade (e.g., neuroticismo) e fatores sociodemográficos (e.g., gênero e número de filhos), pode resultar no que chamamos de síndrome de Burnout (Maslach, Schaufeli, & Leiter, 2001). A síndrome de Burnout foi inicialmente descrita visando profissionais de saúde (Freudenberger, 1974); no entanto, posteriormente observou-se que os estressores que podem originá-la estão presentes nos mais diversos ambientes (Demerouti *et al.*, 2001). Uma das profissões com maior incidência de Burnout é a docência (Cardoso *et al.*, 2017), particularmente motivada pela presença de estressores como o número elevado de alunos e de carga horária, indisciplina dos alunos e expectativas dos familiares em relação ao trabalho docente, além da pouca participação nas decisões e a desvalorização do magistério (Carlotto & Palazzo, 2006), questões que podem ser acentuadas devido ao cenário de pandemia do COVID-19 (Dos Santos, Couto, Pereira & Braz, 2023). Nesse sentido, o presente estudo buscou avaliar o valor preditivo da capacidade de adaptação e de outras variáveis individuais para o desenvolvimento de Burnout entre docentes. Para isso, utilizamos instrumentos autoaplicáveis para coletar variáveis sociodemográficas e de saúde, além de escalas sobre sintomas de Burnout, fatores de personalidade e níveis de resiliência e estresse, por meio de uma plataforma online. Nossos resultados salientam como preditores robustos os traços de personalidade, o nível de estresse, e a autopercepção da sobrecarga, além de evidenciar como fatores protetivos o nível de resiliência e o número de filhos. A modalidade de ensino adotada durante a pandemia, bem como o gênero e a raça/cor de pele, não tiveram influência na presença de Burnout. Reconhecemos a importância de marcadores como raça e gênero nos níveis de estresse (Campos *et al.*, 2020; Faro & Pereira, 2011; Sellers *et al.*, 2003), por isso ressaltamos a importância de novos estudos buscarem preencher esta lacuna através de amostras mais diversas, a fim de explorar a influência destas variáveis com maior profundidade. A autopercepção de sobrecarga também se mostrou um preditor robusto, permitindo presumir que, ainda que algumas variáveis possam não ter se apresentado como preditores para a síndrome de Burnout, estas, quando percebidas como um estressor, podem, sim, se tornar fatores preditivos. Estes achados podem auxiliar na construção de intervenções, tanto individuais como diretamente na saúde coletiva, mediante políticas públicas, pensadas na intenção de mitigar fatores de risco e fortalecer fatores de proteção.

Palavras-chave: Docência; Síndrome de Burnout; Preditores.

* Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG

REFERÊNCIAS

DE ALMEIDA, R. M. M.; CABRAL, J. C. C.; NARVAES, R. Behavioural, hormonal and neurobiological mechanisms of aggressive behaviour in human and nonhuman primates. *Physiology & Behavior*, v. 143, p. 121-135, 2015.

CABRAL, J. C. C. *et al.* Stress and Cognitive Reserve as independent factors of neuropsychological performance in healthy elderly. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 2016, v. 21, n. 11, pp. 3499-3508.

CAMPOS, F. M.; ARAÚJO, T. M. de ; VIOLA, D. N.; OLIVEIRA, P. C. S.; SOUSA, C. C. de. Estresse ocupacional e saúde mental no trabalho em saúde: desigualdades de gênero e raça. *Cadernos Saúde Coletiva*. 2020, v. 28, n. 4, p. 579-589.

CARDOSO, H. F. *et al.* Síndrome de burnout: análise da literatura nacional entre 2006 e 2015. *Rev. Psicol., Organ. Trab., Brasília* , v. 17, n. 2, p. 121-128, jun. 2017.

CARLOTTO, M. S.; PALAZZO, L. S. Síndrome de burnout e fatores associados: um estudo epidemiológico com professores. *Cadernos de Saúde Pública* [online]. 2006, v. 22, n. 5.

DEMEROUTI, E.; NACHREINER, F.; SCHAUFELI, W. The Job Demands – Resources Model of Burnout. *The Journal of applied psychology*, v. 86 p. 499-512, 2001.

FARO, A.; PEREIRA, M. E.. Raça, racismo e saúde: a desigualdade social da distribuição do estresse. *Estudos De Psicologia (natal)*, 2011, v. 16, n. 3, 271-278.

FREUDENBERGER, H.J. Staff Burn-Out. *Journal of Social Issues*, v. 30, p. 159-165, 1974. LI, S. *et al.* The prevalence and correlates of burnout among Chinese preschool teachers. *BMC Public Health*, v. 20, p. 160, 2020.

MASLACH, C.; SCHAUFELI, W.; LEITER, M. Job Burnout. *Annual Review of Psychology*, v. 52, p. 397-422, 2001.

DOS SANTOS, I. T., COUTO, M. F. F., PEREIRA, M. M., & BRAZ, M. V. Síndrome de Burnout em professores durante a pandemia da COVID-19. *Revista Psicologia em Pesquisa*, v. 17(2), p. 1-24, 2023.

SELLERS, R. M. *et al.* Racial Identity, Racial Discrimination, Perceived Stress, and Psychological Distress among African American Young Adults. *Journal of Health and Social Behavior*, 2003 v. 44, n. 3, p. 302-317.

SHAH, M. K. *et al.* Prevalence of and Factors Associated With Nurse Burnout in the US. *JAMA Netw Open*. v. 4(2), 2021.

UM POÇO FITANDO O CÉU: AS POSSIBILIDADES DE ESCUTA PSICANALÍTICA EM UMA CLÍNICA-ESCOLA

João Victor Garza Fao*

Daniela Delias de Sousa (orientadora)

RESUMO

Independentemente da abordagem teórica, o começo da jornada como estagiário de psicologia clínica no contexto da Universidade é repleto de ansiedades, medos e incertezas. Ao longo do estágio em uma clínica-escola, é natural que surjam inquietações derivadas da responsabilidade que acompanha esse novo lugar em que se é colocado: o de psicoterapeuta. Considerando que meu maior interesse dentro do domínio de conhecimento da psicologia sempre foi a psicanálise, escolhi a mesma como método psicoterapêutico para realizar meu estágio. Contudo, as frustrações decorrentes dos processos psicoterapêuticos motivaram-me a buscar na escrita uma espécie de equilíbrio entre confiar no que se faz e duvidar completamente de si mesmo como psicoterapeuta de orientação psicanalítica. Tendo em vista tal inquietação, o presente estudo, caracterizado como um ensaio teórico, teve como objetivo estender o debate acerca dos alcances e limitações da escuta psicanalítica em clínicas-escolas, no percurso final da graduação em psicologia. Para a construção dos argumentos, utilizei-me de estudos teóricos e empíricos sobre as relações entre a psicanálise e sua transmissão no contexto da formação universitária, bem como de referências artístico-literárias que, de alguma forma, remetem ao percurso de minhas primeiras escutas clínicas. Ao longo do texto, discuto as vicissitudes do contexto universitário e institucional que influenciam o fazer psicanalítico do estagiário, as nuances das relações transferenciais estabelecidas na clínica-escola e as diferenças entre a Psicanálise e a Psicoterapia Breve de Orientação Psicanalítica. Por fim, proponho que o fazer psicanalítico inserido na clínica-escola da universidade seja sustentado pela ética da psicanálise, que parte da posição da ausência de um saber, apontando para uma falta constitutiva.

Palavras-chave: psicanálise; escuta psicanalítica; clínica-escola; transferência.

REFERÊNCIAS

Alcantara, J. V. N. (2010). Transferência e vínculo institucional na clínica-escola. *Escritos da Clínica*, 103-109.

Corey, G. (1983). *Técnicas de aconselhamento e psicoterapia*. Campus.

Freud, S. (2010c). O início do tratamento (P. C. de Souza, Trad.). In S. Freud, *Obras Completas*, volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913) (Vol. 10, pp. 123-145). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1913) Freud, S. (2010d). O inquietante (P. C. de Souza, Trad.). In S. Freud, *Obras Completas*, volume 14: História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920) (Vol. 14, pp. 247-283). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1919)

Lacan, J. (1988). *O Seminário*, livro 7: A ética da psicanálise. Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1959-60)

* Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Marcos, C. M. (2011). Reflexões sobre a clínica-escola, a psicanálise e sua transmissão. *Psicologia clínica*, 23, 205-220.

Meneghetti, F. K. (2011). O que é um ensaio-teórico? *Revista de administração contemporânea*, 15, 320-332.

Winnicott, D. W. (1983). Contratransferência (I. C. S. Ortiz, Trad.). In D. Winnicott. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 145-151). Artmed. (Obra original publicada em 1960)

Zimerman, D. E. (2007). *Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica*. Artmed.

A EDUCAÇÃO, O TRABALHO E A SAÚDE MENTAL DOS UNIVERSITÁRIOS DO PERÍODO NOTURNO

Helen Sibelle Nogueira Goncalves*
Geruza Tavares D'Avila (orientadora)

RESUMO

O objetivo desta pesquisa, cuja área centra-se no campo da Psicologia Social, foi o de compreender os sentidos atribuídos à saúde mental pelos estudantes que trabalham/estudam ou estudam/trabalham. A justificativa da realização deste estudo, dá-se diante das publicações que demonstram o adoecimento mental dos estudantes universitários que acumulam estudo e trabalho durante o processo de formação acadêmica, assim como da experiência da pesquisadora enquanto servidora na Universidade. Geralmente, estes são estudantes do período noturno. O delineamento desta pesquisa é de caráter metodológico qualitativo. Os dados foram produzidos a partir de entrevistas individuais, realizadas on-line, que posteriormente foram transcritas, revisadas e analisadas sob inspiração dos Núcleos de Significação. Participaram da pesquisa 6 estudantes. Todos estudam no período noturno. Os resultados foram apresentados em três núcleos de significação, o primeiro sobre as Vivências e perspectivas acadêmicas e laborais, o segundo relativo à Conciliação entre estudo e trabalho e o terceiro relacionado às Concepções sobre doença e saúde mental e a relação com os estudantes universitários. No primeiro núcleo foi possível perceber que as vivências acadêmicas e laborais dos estudantes convergem para a mesma direção que é a insuficiência de políticas e medidas legais que incidam sobre a oferta de trabalho protegido, em especial aquelas que propiciem a conciliação com os estudos. Além disso, a insuficiência de políticas de educação voltadas ao estudo noturno, que não considerem a educação superior como homogênea e que construam indicadores específicos sobre cada turno de ensino. No segundo núcleo foi possível constatar o quão difícil é a rotina de conciliação de estudo e trabalho, exigindo que estudantes que conciliam trabalho e estudo lancem mão de estratégias, em sua maioria individuais, para permanecerem estudando. No terceiro núcleo os entrevistados apresentaram uma polissemia de sentidos para saúde e doença mental e enfatizaram redução da qualidade de vida, sobrecarga, redução nas atividades de lazer e cansaço como provenientes do processo de conciliação de estudo e trabalho. Assim, os sentidos atribuídos à saúde mental pelos estudantes entrevistados que trabalham/estudam ou estudam/trabalham estão diretamente ligados às condições das trajetórias acadêmicas e laborais, e assim aos sentidos pessoais atribuídos à saúde/doença.

Palavras-chave: Ensino Superior; Trabalho; Saúde Mental.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, V. P.; VIEIRA, C. A. L.; ALVES, S. V. Perspectivas acerca do conceito de saúde mental: análise das produções científicas brasileiras. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, n. 1, p. 351-361, jan. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/Q3q7tgFtypyLXf9c9tRHMNr/abstract/?lang=pt#> Acesso em: 3 set. 2023
- BORGES, L. de. O.; TAMAYO, A. A estrutura cognitiva do significado do trabalho. *Revista Psicologia, Organizações e Trabalho*, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 11-44, dez. 2001. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572001000200002. Acesso em 12 abr. 2023.

* Servidora da Universidade Federal do Rio Grande – FURG e graduanda em Psicologia pela mesma Universidade. Integrante do Núcleo de estudos do trabalho e constituição do sujeito (NETCOS)

BORGES, R. C.; COUTINHO, M. C. Desvelando a vida cotidiana de jovens universitários que conciliam estudo e trabalho. *Acta sociológica*, mayo-agosto de 2018, pp. 89-111. Disponível em: [file:///C:/Users/W10/Downloads/a_labrador,+4.+Desvelando+a+vida+cotidiana+de+jovens+universit%C3%A1rios_+Regina+BorgesMar%C3%ADa+Chalfin%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/W10/Downloads/a_labrador,+4.+Desvelando+a+vida+cotidiana+de+jovens+universit%C3%A1rios_+Regina+BorgesMar%C3%ADa+Chalfin%20(2).pdf) Acesso em: 05 out. 2023.

FONAPRACE. V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos(as) Graduandos(as) das IFES-2018. Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-PerfilSocioeconomico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf>. Acesso em: 6 abr. 2023.

MACEDO, M. C.; AGUIAR, K. G. M. DE. Saúde mental e qualidade de vida do estudante trabalhador. *Revista Fronteiras em Psicologia*. Novo Hamburgo – RS, v. 5: e234, 2023. Disponível em: <https://fronteirasempsicologia.com.br/fp/article/view/142/92>. Acesso em: 08 de maio de 2023.

MARANHÃO, J. D.; VERAS, R. M.. O ensino noturno na Universidade Federal da Bahia: percepções dos estudantes. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, v. 25, n. 96, p. 553-584, jul. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/MK4LRJXynyqGLBqmDqTXdbz/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 abr. 2023

ROSA, A. S. *et al.* Conversando sobre saúde mental e emocional na escola. Universidade Federal de São Paulo. 2021. Disponível em: <https://documentacion.fundacionmapfre.org/documentacion/publico/es/bib/175855.do> Acesso em: 07 nov. 2023.

TRÓPIA, P. V.; SOUZA, D. C. C. DE. As portas permanecem semiabertas: estudantes trabalhadores nas universidades federais. *Pro-Posições*, v. 34, n. 34, p.e20210033, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/S3ZQy57p6XDSrv5GZHzCfkS/abstract/?lang=pt#> Acesso em: 06 abr. 2023.

TRABALHO REPRODUTIVO E SUBJETIVIDADE: NARRATIVAS DE MULHERES ATENDIDAS EM UMA USF

Camila Sutili Capelesso*

Rita de Cássia Maciazeki-Gomes (orientadora) e
Lara Irene Leite da Costa (co-orientadora)

RESUMO

A partir das lentes teóricas dos estudos de gênero e da psicologia social, este estudo teve como objetivo conhecer as narrativas de mulheres atendidas em uma Unidade de Saúde da Família (USF), situada em um município do extremo-sul do Brasil, em relação ao trabalho reprodutivo e doméstico não remunerado. Para tanto, buscou refletir sobre os efeitos do trabalho reprodutivo na subjetividade, as redes de apoio e as relações entre trabalho remunerado e não remunerado. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de perspectiva narrativa, com dados produzidos por entrevistas individuais e analisadas a partir da Análise Temática. Através do eixo analítico de trabalho reprodutivo e subjetividade, emergiram três subtemas: a responsabilização nas tarefas de cuidado; o trabalho dentro e fora de casa; rede de apoio e aspectos transgeracionais. Os resultados indicam atravessamentos estruturais e subjetivos que se configuram como produtores de adoecimento, sob forma de sobrecarga e exaustão por executar diariamente variadas e contínuas tarefas, na esfera pública e na esfera privada. As narrativas apontam para as dificuldades em romper com as posições historicamente atribuídas às mulheres, mas revelam movimentos subjetivos para reinventar relações pré-definidas no âmbito familiar e profissional.

Palavras-chave: Trabalho reprodutivo; Mulheres; Psicologia Social.

REFERÊNCIAS

- BIROLI, F. Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using Thematic Analysis in Psychology. *Qualitative Research in Psychology*, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1191/1478088706qp063oa> CLANDININ, D. Jean.;
- CONNELLY, F. Michael. Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- FEDERICI, S.. O patriarcado do salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo. Boitempo Editorial, 2021.
- HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, p. 595-609, dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/cZtcWVvvtWGDvFqRmidsBWQ/?lang=pt>
- NOGUEIRA, C. Interseccionalidade e Psicologia Feminista. Editora Derives, 2017.

* Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG

RESUMOS DA I MOSTRA DE ESTÁGIOS EM PSICOLOGIA SOCIAL

OS [DES]PROPÓSITOS DA PSICOLOGIA EM UM CONSULTÓRIO NA RUA: REFLEXÕES DE UM ESTÁGIO

Ornella Erdós Dapuzzo*

Bruna Medeiros Molina** (co-autora)
Carine Medeiros Correia*** (co-autora)

Rita de Cássia Maciazeki-Gomes (supervisora acadêmica) e
Nicolli Gautério (supervisora local)

RESUMO

Em um de seus poemas, Manoel de Barros (2010) conta de um menino que insistia em “carregar água na peneira” e, após aprender a magia das palavras, passou a usá-las com o mesmo “despropósito”: (pre)encher vidas e (re)criar possibilidades. Nessa mesma linha, o estágio em Psicologia Social produziu inquietações sobre quais seriam os (des)propósitos da Psicologia no contexto do Sistema Único de Saúde (SUS), mais precisamente em um Consultório na Rua (CnR). O CnR é uma política em saúde que foi instituída por meio da Política Nacional de Atenção Básica (Portaria nº 2.488, de 21 de outubro de 2011), cujo principal objetivo é a ampliação do acesso da População em Situação de Rua (PSR) aos diferentes serviços de saúde, oferecendo “atenção integral à saúde” (Brasil, 2012). Nessas trilhas da atenção, pudemos observar e experimentar diferentes modalidades de cuidado, indo desde uma atenção por meio de tecnologias leves (Franco & Merhy, 2012), agenciando caminhadas ao lado de algumas pessoas em atendimento, acompanhamentos em exames clínicos, visitas domiciliares, até ações mais pontuais como medicalização, coletas para exames de tuberculose, aferição de pressão, temperatura, glicose etc. Em relação à atuação da psicologia, mais especificamente, foi possível analisar a ocorrência de pontos de potencialização para o cuidado em saúde mental. A PSR é um público atravessado por múltiplas vulnerabilidades e situacionalidades que a própria rua impõe para a sua (sobre)vivência. Questões que vão desde o uso prejudicial de substâncias até os processos de invisibilidade e estigmatização sociais, são fatores que atravessam seus modos de estarem na vida e de agenciarem a mesma. Por outro lado, há potências, desejos e histórias que constituem e se fazem abertas às escutas, muitas vezes bastando que tenhamos um corpo acessível e sensível a esse encontro; um corpo aberto ao afeto. O tempo da rua se organiza de modo diverso ao que, comumente, é estabelecido no cuidado em psicologia em outros contextos. A rua e seus ritmos são, muitas vezes, imediatistas, com ruídos urbanísticos, não se valendo de um “enquadre” aos moldes tradicionais, o que, em alguns casos, nos levou a reflexões sobre se “o que estamos fazendo é psicologia?” (Diário de campo, 2023). A rua convoca a “sentir e pensar com nosso corpo inteiro” e a estarmos abertos “ao que ocorre atrás, ao lado, no chão e nos olhares distantes” (BROIDE, 2021, p. 21-22). Logo, em se tratando de pensar a atuação da psicologia no território das ruas, nossas experiências de estágio nos levaram às considerações de que é necessário um processo de reatualização dos códigos os quais dispomos para pensar a psicologia, a escuta e o cuidado. Emerge uma exigência

* Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Integrante do Grupo de Estudos em Saúde Coletiva dos Ecossistemas Costeiros e Marítimos (GESCEM)

** Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Integrante do Grupo de Estudos em Saúde Coletiva dos Ecossistemas Costeiros e Marítimos (GESCEM)

*** Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG

por um olhar mais delicado, humilde e acessível a outras tantas verdades. Que convida a outras produções de “falas” e “silêncios” e “escutas”; a outros tipos de “poltronas”; a outros espaços e tempos terapêuticos; ou, como brincou o poeta, que inspire a “carregar água na peneira” e a se valer de “despropósitos”.

Palavras-chave: Consultório na Rua; População em situação de rua; Psicologia.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. (2010). Poesia completa. São Paulo: Leya, 2010.

BRASIL. (2011). Portaria Nº 122, DE 25 DE JANEIRO DE 2011. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2012/prt0122_25_01_2012.html. Acesso em 20 jun. 2023.

BROIDE, Jorge. (2021). Clínica psicanalítica na rua. Curitiba: Juruá, 2021. 74 p.

FRANCO, T. B., & Elias MERHY, E. (2012). Cartografias do Trabalho e Cuidado em Saúde. *Tempus – Actas de Saúde Coletiva*, 6(2), Pág. 151-163. <https://doi.org/10.18569/tempus.v6i2.1120>

O ACOLHIMENTO COMO PORTA DE ENTRADA EM UM CAPS INFANTO JUVENIL: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Vitoria Lima Colares*

Daniela Barsotti (supervisora acadêmica) e
Silvana Soares (supervisora local)

RESUMO

A Reforma Psiquiátrica (RP), iniciada na década de 1980, abriu espaço para a ampliação das práticas em saúde mental a partir da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) (FIGUEIREDO, 2019). Nesse contexto, o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) surge enquanto um serviço substitutivo eficaz quanto à assistência prestada pela comunidade que, até então, era atendida pelos hospitais psiquiátricos. Na especificidade infantojuvenil, o CAPS atua na promoção de saúde e na garantia de direitos fundamentais da criança e do adolescente, considerando-os sujeitos de direitos e detentores de lugar de fala (BRASIL, 2014). Tal configuração da rede implicou em uma nova produção de cuidado em saúde mental. Assim, psicólogas e psicólogos ganharam espaço de atuação nas Políticas Públicas (PP), inserção que implica numa reestruturação da formação em Psicologia. O estágio obrigatório em Psicologia Social é voltado a produzir uma formação articulada entre os diferentes campos da rede, a partir de uma implicação ético-política das psicólogas e psicólogos em formação (MACIAZEKI-GOMES, D'ÁVILA; SANTOS, 2020). Este trabalho emerge de uma experiência de estágio obrigatório em Psicologia Social em um CAPS Infantojuvenil (CAPSi), localizado na cidade do Rio Grande/RS. Dentre as principais atividades propostas, destaca-se a realização de acolhimentos no serviço, sendo este um trabalho de escuta qualificada proposto nas diretrizes da Política Nacional de Humanização (BRASIL, 2014) do Sistema Único de Saúde (SUS). Nessa direção, o presente trabalho tem por objetivo registrar e compartilhar a experiência de estágio da autora, a fim de produzir uma reflexão sobre os acolhimentos realizados em um CAPSi, localizado na cidade do Rio Grande/RS. Metodologia O estágio obrigatório em Psicologia Social faz parte do Quadro de Sequência Lógica (QSL) do curso de graduação em Psicologia da FURG. Com uma carga horária de 360 horas distribuídas entre a inserção do estudante em um campo de estágio, estudos e reuniões de supervisão, o estágio possui caráter anual e é realizado entre o 7º e o 8º semestre da graduação. Assim, este resumo se constitui como um relato de experiência escrito em primeira pessoa a partir da inserção da autora em um CAPSi, durante o período de abril a dezembro de 2023. Os dados utilizados são registros do diário de campo da autora. Resultados e discussão: no primeiro contato do usuário e seus responsáveis legais com a Instituição, é realizado um acolhimento por parte de um dos profissionais do dispositivo. É válido destacar que o acolhimento é realizado de forma universal, o que não garante que todos os casos continuarão no dispositivo, mas, sim, que todas as pessoas que buscarem o serviço serão acolhidas e escutadas a fim de identificar as necessidades de cada situação (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2022). Ao final do acolhimento, é agendada uma acolhida estendida e, a partir disso, o caso é levado à reunião de equipe para definir se será atendido pelo CAPSi, quais profissionais e serviços atenderão o caso, possibilidade e/ou necessidade de encaminhamento, etc. Quando o caso permanece no CAPSi, é elaborado o Plano Terapêutico Singular (PTS), que tem como finalidade pensar no projeto terapêutico adotado para determinado sujeito, considerando a ampliação da autonomia, a inserção social e a rede de apoio social do sujeito ou do grupo

* Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Integrante do Grupo de Estudos em Saúde Coletiva dos Ecossistemas Costeiros e Marítimos (GESCEM).

em questão (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2022). Nesse sentido, pode-se dizer que o acolhimento é a porta de entrada no CAPSi. Enquanto estagiária de Psicologia, estar nessa porta representou uma oportunidade de aprendizado muito rica: ter contato com uma rotatividade de pessoas e escutar as mais variadas histórias, além de compreender melhor a forma como funcionam os dispositivos da rede. Desse modo, esta experiência também suscitou muitos questionamentos, sobretudo o que se refere à autonomia dos usuários e a participação da família no tratamento. Apesar de existir um prontuário de acolhimento a ser preenchido, não há um protocolo rígido para a realização desta etapa. O mais importante, nesse momento, é que a família compartilhe a história pregressa da criança e/ou adolescente, a fim de possibilitar a compreensão da dinâmica familiar em que o sujeito está inserido. Nessa direção, é fundamental escutar a criança e/ou adolescente para dar atenção às suas próprias demandas, dúvidas e expectativas em relação ao CAPSi. Fui orientada a realizar os acolhimentos em duas etapas: a primeira com o responsável e a segunda com a criança/adolescente. Por notar, em boa parte das vezes, certo desconforto na criança/adolescente, optei por iniciar com uma pergunta: “Tu sabes o que viestes fazer aqui?”. Segundo Frazatto e Dalosso (2022), essa indagação favorece que o sujeito encontre palavras para tentar explicar o que está acontecendo em tal momento. Assim, passei a receber respostas como: “Não.”, “Sei lá.”, “Vim porque falaram que eu tinha que vir”. ou ainda “Minha mãe disse que era pra eu vir aqui conversar.”. A partir disso, é possível pensar que há uma dificuldade, por parte das famílias, em lidar com o sintoma desta criança/adolescente, de modo a direcionar o sujeito ao dispositivo, muitas vezes, sem questioná-lo sobre o desejo de iniciar um tratamento ou não. Assim, as trabalhadoras e trabalhadores do CAPSi, muito além de agentes de saúde, têm potencial para tornarem-se apostadores na vida dos usuários (DA SILVA *et al.*, 2019), pois, em muitos casos, os familiares e/ou responsáveis pela criança ou adolescente chegam ao dispositivo com o sentimento de desesperança e já não se sentem capazes de dialogar com aquele sujeito. O trabalho psicossocial no CAPSi convoca o profissional a ampliar o olhar para além do usuário, de modo a atentar para a sua realidade familiar, histórica e econômica, deixando-se afetar pelo território do sujeito e todas as possibilidades que podem emergir deste encontro (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2022). Nesse viés, uma vez que a família é considerada uma peça importante na recuperação do usuário (BRASIL, 2004; BRITO, 2018), é importante trabalhar em prol do fortalecimento dos vínculos familiares e, assim, abrir canais de diálogo entre os cuidadores e a criança e/ou adolescente. Facilitar o diálogo entre a família e o adolescente é, em última instância, trabalhar em prol da autonomia e independência dos usuários, resgatando seu protagonismo no processo saúde-doença. Assim, tal movimento é necessário desde o acolhimento, de modo que escutar as crianças e adolescentes, nesse momento, é imprescindível, sobretudo por respeito ao sujeito (FRAZATTO e DALOSSO, 2022). Escutar a criança e/ou adolescente, situá-la no espaço em que está, contextualizá-la sobre o trabalho no CAPSi, tirar suas dúvidas ou simplesmente respeitar sua decisão de não passar pelo acolhimento – situação que presenciei algumas vezes durante a minha experiência – são atitudes que legitimam sua condição de sujeito. Da mesma forma, integrar a família ao tratamento e enfatizar sua importância na recuperação da criança e/ou adolescente, legitima uma parceria de cuidado e possibilita aos cuidadores a ampliação da sua rede de apoio. Nessa perspectiva, destaca-se que não há produção de saúde desatrelada da produção de saúde mental. Isto é, quando uma criança ou adolescente apresenta algum nível de sofrimento, deve-se sempre considerar a dimensão emocional, relacional e psíquica do sujeito (Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990). É preciso lembrar que o cuidado em rede visa a produção de saúde a partir da construção de uma comunidade de sujeitos responsáveis pelo cuidado de si e do outro, de modo que a garantia do direito à palavra se torna essencial, pois: “Não há responsabilização possível sem que seja garantida a escuta daquele a quem se quer responsabilizar. Ao falarem sobre si e ao se identificarem com suas próprias histórias, a criança e o adolescente veem possibilidades de encontrar novos significados e novas formas de inserção na sociedade e na família.” (BRASIL, 2014, p. 23) Garantir a escuta é garantir que a criança e/ou adolescente tenha sua singularidade respeitada, sendo esta a razão do PTS. A escuta, tal como o sintoma de cada sujeito, é singular e, portanto, a produção de saúde mental deve ser pensada um a um. Este é um dos principais

recursos de trabalho em saúde mental e constitui uma das novas formas de cuidado na RAPS, uma vez que desloca o sujeito de uma posição passiva para uma posição ativa em seu tratamento, enfatizando sua singularidade, sua subjetividade e suas potencialidades (DA SILVA *et al.*, 2019). Considerações finais: Apesar de se tratar de uma experiência particular e específica a partir de um estágio curricular, este relato possibilitou uma discussão muito relevante para o âmbito das políticas públicas. Ainda, destaco a importância do estágio em Psicologia Social para minha formação acadêmica e profissional. Particularmente, considero que estar em contato com uma rotatividade tão grande de pessoas e me dedicar a escutá-las atenta e gentilmente me lembrou da potência do ato de escutar, tão caro ao ofício da Psicologia. Sem saber muito bem como finalizar a escrita deste trabalho, deixo um trecho do meu diário de campo: “Às vezes tenho a sensação de que o mundo passa por mim. Eu tento remar contra a maré. Se a realidade é tensa, díspar, competitiva, rude, fria, engessada, triste e escura, espero ainda conseguir ter cor, calma, gentileza. Entregar o que em mim é mais humano. Enxergar o que ainda pode ser bonito. E escutar, mesmo que tudo ao redor tente me ensurdecer.” Diário de campo, setembro de 2023.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Ministério da Saúde. Atenção psicossocial a crianças e adolescentes no SUS: tecendo redes para garantir direitos. Ministério da Saúde, Conselho Nacional do Ministério Público, 2014.
- BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de atenção à saúde. Departamento de ações programáticas estratégicas. Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial. Brasília, DF, 2004.
- BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Humanização – PNH. Brasília, 2014.
- BRITO, Luana Batista de *et al.* O papel do caps na cidadanização da pessoa com transtorno mental: uma análise no caps infanto-juvenil de Sousa/PB. 2018
- Conselho Federal de Psicologia. Referências técnicas para atuação do(a) psicólogo(a) no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). Brasília, 2022.
- DA SILVA, Jordana Rodrigues *et al.* O SINGULAR DO PROJETO TERAPÊUTICO: (IM)POSSIBILIDADES DE CONSTRUÇÕES NO CAPSi. POLIS E PSIQUE, 2019.
- FEDERAL, Governo *et al.* Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei federal, v. 8, 1990.
- FIGUEIREDO, Ana Cristina. Uma breve revisão da reforma psiquiátrica no Brasil e sua relação com a psicanálise e a psicologia. Revista Psicologia Política, v. 19, n. 44, p. 78-87, 2019.
- FRAZATTO, Carina Furlaneto; DALOSSO, FERNANDA DE JESUS. Acolhimento psicológico infantojuvenil na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS). Revista Polis e Psique, v. 12, n. 2, p. 71-86, 2022.
- MACIAZEKI-GOMES, Rita de Cássia; D'AVILA, Geruza Tavares; SANTOS, Daniela Barsotti. Reflexões sobre o estágio de Psicologia Social: narrativas de diferentes enfoques do processo de formação. Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais, v. 15, n. 4, p. 1-16, 2020.

DIÁLOGOS SOBRE A PSICOLOGIA ESCOLAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM ESTÁGIO NO IFRS

Mauricio Bilhalva de Freitas*

Cinthia da Silveira Simões Pires** (Co-autora)

Juliana Acosta Brum*** (Co-autora)

Geruza Tavares D'Avila (Supervisora Acadêmica) e

Luiz Eduardo Nobre dos Santos (Supervisor Local)

Palavras-chave: Psicologia; Educação; Multidisciplinaridade; Vivências.

INTRODUÇÃO

A Psicologia Escolar é uma das grandes áreas de atuação do profissional em Psicologia, e consiste em diversas demandas perante os diferentes espaços estudantis possíveis. Porém, a área apresenta uma grande carência estrutural, levando o profissional a abraçar diversas funções, não necessariamente específicas do seu exercício, mas para que possa suprir as necessidades do ambiente em que está inserido. Segundo Lopes, Lopes e Teixeira (2009), as dificuldades mencionadas são dificultadoras do trabalho do psicólogo dentro da instituição, e esse é um cenário que torna-se mais frequente no serviço público. O estágio foi realizado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) campus Rio Grande, tanto por ser uma das poucas instituições de ensino que possuem vínculo com um psicólogo, quanto por todos os estagiários serem ex alunos do IF (dois egressos do IFRS e uma egressa do IFSul). O setor de realização do estágio foi a Coordenadoria de Assistência Estudantil (CAE).

OBJETIVO

Evidenciar a importância do trabalho do psicólogo no ambiente escolar, fomentando a multidisciplinaridade e o trabalho em rede, bem como o olhar crítico para com o abarcamento das demandas do corpo institucional.

METODOLOGIA

As atividades se iniciaram a partir da assinatura, por parte de todas as instâncias envolvidas, do Termo de Compromisso do Estágio, conforme previsto pela Lei de Estágio, nº 11.788 (BRASIL, 2008). Em geral, as atividades desenvolvidas envolveram grupos de estudantes, técnicos e professores da instituição em momentos distintos; o primeiro grupo, o de estudantes, foi contemplado com atividades em formato de oficina, que contaram com momentos para debate acerca da vida acadêmica e espaços de expressão sobre sua rotina e pensamentos. Para os técnicos, foi realizado um espaço de diálogo e escuta,

* Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG

** Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG

*** Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG

para que fossem discutidos itens expostos no diagnóstico institucional, elaborado pelos estagiários. Já para os professores, foi organizado um espaço de diálogo tendo como convidados a Psicóloga Rhândrea Silveira e a equipe da Vigilância de Saúde do Trabalhador (VISAT) do município de Rio Grande – RS, abordando o tema: “Diálogos sobre saúde do trabalhador”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi observada adesão considerável por parte do corpo discente, principalmente na última atividade proposta, onde houve a participação de turmas de alunos de anos diversos; a participação foi satisfatória, uma vez que apropriaram-se do espaço a partir de conversas, trocas, e da manifestação artística por meio da interação com o meio, apontando para o que Vygotsky (1999) define como um processo crucial para o desenvolvimento humano, a partir do devido estímulo da troca de ideias entre o meio grupal e a conexão estabelecida com o ambiente em que o indivíduo em questão se insere. Quanto às atividades desenvolvidas com técnicos e professores, houve participação reduzida, tanto pela rotina de trabalho, quanto pelo estranhamento de um espaço de bem-estar não obrigatório. Foi mencionada, principalmente, a necessidade de espaços de convivência para alunos e professores, uma vez que esses espaços potencializam o desenvolvimento e fortalecimento de laços para além do cunho profissional dentro da instituição, proporcionando um ambiente de convívio acolhedor aos envolvidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do estágio na instituição, foi possível identificar os agentes causadores dos sintomas experienciados como alunos e servidores e, assim, propor intervenções com o objetivo de reverberar a importância de um espaço acolhedor.

REFERÊNCIAS

- Lopes, C. S., Lopes, R. P., & Teixeira, M. A. P. S. (2009). *Psicologia Escolar: Pesquisas, práticas e formação*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Vygotsky, L. (1999). *Psicologia da Arte*. (Obra original publicada em 1960).

CONTEXTO SOCIAL E ATOS INFRACIONAIS: UM RELATO DE ESTÁGIO COM ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI

Guilherme Freiburger Friedrich*

Simone dos Santos Paludo e Gabriela Braz Lucas (Supervisoras
acadêmicas) e Kaila Canarim Dotto (Supervisora Local)

RESUMO

O presente trabalho se trata de um relato de experiência de estágio na unidade de Medidas Socioeducativas do Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) de Rio Grande. Este dispositivo que integra a Política Nacional de Assistência Social (PNAS) é responsável por realizar o cumprimento de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto de adolescentes em conflito com a lei no município de Rio Grande e região. Essas medidas são divididas em duas categorias: a Liberdade Assistida (LA), em que o adolescente socioeducando será acompanhado semanalmente por uma equipe multiprofissional a fim de promover a sua reinserção social, e a Prestação de Serviço à Comunidade (PSC), em que o adolescente é inserido em uma instituição pública ou privada a fim de desenvolver um serviço, também com a finalidade de reinserção. A equipe do local conta com Psicólogas, Assistente Social, Pedagoga, Monitora e Educadora Social. As principais demandas atendidas são decorrentes de processos por tráfico de drogas, roubo, abuso sexual, dentre outros. Parte do trabalho com os adolescentes envolve dar ouvido às suas demandas atuais, compreender o contexto em que o ato infracional ocorreu, bem como suas implicações sociais na vida do adolescente, a partir de uma perspectiva integrada e não punitiva/individualizante. Os adolescentes nesse tipo de Medida possuem a sua liberdade preservada, porém devem cumprir a Medida por ordem judicial e a abordagem dos casos inclui geralmente o acompanhamento familiar, a reinserção à escola (quando evadido), acolhimento socioafetivo, psicoeducação, construção de projetos de vida, orientação de pais ou responsáveis, encaminhamento para outros serviços (quando necessário), dentre outras atividades desempenhadas pelo local. Neste cenário, entretanto, inúmeras dificuldades apareceram, sendo talvez a principal delas o pouco engajamento dos adolescentes ao dispositivo. As principais razões para isso, que podemos identificar, envolvem o fato de que ao cometer um ato infracional, o adolescente está motivado por inúmeros fatores densamente arraigados ao contexto social em que ele se encontra, como extrema pobreza, necessidade de trabalho informal, fácil acesso a substâncias ilícitas, viver em um bairro perigoso, baixa adesão à escola, estresse familiar elevado, dentre outras inúmeras dificuldades, caracterizadas por uma alta vulnerabilidade social, que predispõe à prática de atos infracionais. Estes fatores muitas vezes ultrapassam a capacidade interventiva do CREAS e exercem uma influência demasiadamente forte na vida destes indivíduos, que não veem outra forma de ascender socialmente e ter visibilidade senão por meio da prática de atos ilícitos. Algumas propostas de intervenções realizadas no local envolveram o desenvolvimento de atividades contextualizadas para casos específicos, realização de grupos com os pais ou responsáveis e organização do Seminário Municipal das Medidas Socioeducativas, onde buscamos ter uma maior articulação com a rede, além da realização dos atendimentos individuais. Uma outra proposta foi o retorno dos atendimentos grupais com os próprios socioeducandos. No entanto, a proposta não foi aceita pelo local devido ao receio quanto possíveis conflitos entre os adolescentes – condição que se deve ao alto índice de rivalidade entre as facções de tráfico no município. Ademais, a grande vantagem do local é o empenho

* Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG

e compromisso da equipe em trabalhar de forma ética e socialmente comprometida com os adolescentes. Concluímos que essa foi uma experiência frustrante em muitos sentidos e enriquecedora em outros, que permitiu integrar teoria e prática, reconhecer os desafios enfrentados por este setor e ampliar o meu conhecimento a respeito de vivências em diferentes contextos.

Palavras-chave: Medidas Socioeducativas; Psicologia Social; Relato de Estágio; Adolescente em conflito com a lei;

REFERÊNCIAS

- Bleger, J. (1984). *Psicohigiene e psicologia institucional*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Branco, B., Wagner, A., & Demarchi, K. (2013). *Plano nacional de atendimento socioeducativo: diretrizes e eixos operativos para o SINASE*.
- Conselho Federal de Psicologia. (2013). *Referências técnicas para a prática de psicólogas(os) no Centro Especializado de Assistência Social – CREAS*. Brasília, DF: CREPOP.
- Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. (1990). Dispõe sobre a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Recuperado em 16 de julho, 2023, de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm
- Lei n. 12.594, de 18 de janeiro de 2012. Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase), regulamenta a execução das medidas socioeducativas destinadas a adolescente que pratique ato infracional; e altera as Leis nºs 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente); 7.560, de 19 de dezembro de 1986, 7.998, de 11 de janeiro de 1990, 5.537, de 21 de novembro de 1968, 8.315, de 23 de dezembro de 1991, 8.706, de 14 de setembro de 1993, os Decretos-Leis nºs 4.048, de 22 de janeiro de 1942, 8.621, de 10 de janeiro de 1946, e a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943. Recuperado em 16 de julho, 2023, de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12594.htm
- Pereira, S. E. F. N., & Sudbrack, M. F. O. (2008). Drogadição e atos infracionais na voz do adolescente em conflito com a lei. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24, 151-159
- Prefeitura Municipal do Rio Grande. (2021). *Conheça um pouco mais sobre o trabalho do CREAS em Rio Grande*. Recuperado de <https://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/conheca-um-pouco-mais-sobre-o-trabalho-do-creas-em-rio-grande/>

O SIGNIFICADO DA ALTA PARA O USUÁRIO DE SAÚDE MENTAL

Andrew Oliveira de Oliveira*

Lucyanna Cardozo de Souza Correa Pereira**

Rita Maciazeki-Gomes (Supervisora acadêmica) e
Silvia Mara Borges Martins (Supervisora local)

RESUMO

O processo de desinstitucionalização em serviços da saúde pública deveria ser algo em andamento desde o momento em que o usuário passa a usufruir da rede. Entretanto, nota-se uma grande dificuldade para trabalhar a alta junto da equipe e dos sujeitos que estão em sofrimento psíquico e frequentam esses espaços, como é seguidamente percebido em Centros de Atendimento Psicossocial (CAPS). Isso posto, percebe-se que não apenas as equipes deste tipo de instituição sofrem dessa dificuldade em manejar e conduzir uma práxis emancipatória junto do outro, como também os próprios usuários que ocupam esses ambientes têm de se desvincular do mesmo, visto que essas pessoas encontram no CAPS um lugar seguro para desenvolverem suas particularidades sem medo do estigma advindo do diagnóstico da saúde mental. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo explorar, mesmo que brevemente, as nuances do significado da alta e que implicações elas despertam no usuário, uma vez que a realidade, sendo interna e elaborada singularmente por cada um, faz desse período de reinserção social uma situação única para o sujeito. A pesquisa foi realizada no formato de um estudo reflexivo perante as informações observadas ao longo das atividades do estágio de Psicologia Social em um CAPS de um município do extremo sul do Rio Grande do Sul. Dessa forma, constata-se que muito da apreensão despertada nos usuários pela alta advém, em parte, da equipe não a trabalhar desde o início do vínculo do indivíduo à instituição. Compreende-se que ao oferecer um espaço de acolhida e escuta, em que as ações se voltam eminentemente para dentro do serviço, contribui-se para que torne o outro dependente, pois ele encontra no CAPS um novo lar. Portanto, seria necessário, desde o início, a criação e fortalecimento de estratégias de cuidado fora do serviço do CAPS, fomentando estratégias de cuidado em rede. Aos profissionais, uma escuta mais sensível para já identificar os possíveis usuários que terão mais dificuldade ao decorrer do tratamento para receber essa notícia ao fim do mesmo. Mostrar ao sujeito o mundo externo facilita esse movimento, já que o apresenta à rede e também a atividades que podem ser realizadas fora do CAPS, isso vem a deixar as pessoas mais autônomas no transcurso da sua evolução, na medida em que a saúde mental se dá dentro e fora do serviço. Incentivar esses processos de emancipação é essencial para que o usuário (re)descubra a força e a capacidade necessária para atingir e pertencer a outros espaços, mesmo que não sejam específicos para tratamento de saúde mental. Não trabalhar a alta faz o sujeito se significar a partir e apenas da vivência no CAPS, inviabilizando ao mesmo uma assinatura para além dele, seu encadeamento na instituição se dá exatamente por ter um grau de dependência com ela, conseguindo se sentir confortável apenas nela, sentindo-se bem e aceito diante de suas especificidades, e distante do estigma social da loucura. A alta para alguns usuários soa como um ato de abandono, desassistência e solidão, o que o deixa acuado frente à cidade já estranha a ele, fazendo um ruído de incerteza se materializar frente ao seu progresso, deixando-o novamente adoecido por sofrer com a possibilidade de perder uma casa que antes lhe concedeu entendimento acerca de si e afeto, independente da sua condição. Já para outros

* Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG

** Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG

também é passível de ser identificado, usuários empolgados com a ideia de contarem suas histórias para além dos muros do CAPS, perante o fato de considerarem que do momento da alta em diante só tenderiam a melhorar, visto que estariam bem o suficiente para criarem novas redes de experiências.

REFERÊNCIAS:

- FIGUEIREDO, A.C. A construção do caso clínico: uma contribuição da psicanálise à psicopatologia e à saúde mental. *Revista Latinoam. Psicopat. Fund. São Paulo*, ano VII, n. 1, p. 75-86, 2004.
- LACAN, J. (1953/1998) Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953), in *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

DESINSTITUCIONALIZ(AÇÃO): CUIDADO CONTÍNUO EM UM SERVIÇO DE SAÚDE MENTAL

Lucyanna Cardozo de Souza Correa Pereira*
Andrew Oliveira de Oliveira**

Rita Maciazeki-Gomes (Supervisora acadêmica) e
Sílvia Mara Borges Martins (Supervisora local)

RESUMO

Na perspectiva psicossocial, a atuação em saúde mental busca não somente a desospitalização como a desinstitucionalização também. Em relação à primeira mencionada, evita-se ao máximo a internação psiquiátrica de longa permanência, mas com a saída de pessoas com transtornos mentais graves dos hospitais para a comunidade há a manutenção de uma ideia de indivíduo dependente de cuidados e de uma instituição que se responsabilize por ele. Assim, surge um dos dispositivos substitutivos para modificar o cuidado em saúde mental: o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). Este é um serviço de saúde de caráter aberto e comunitário que atua interdisciplinarmente por territórios. Esses serviços possuem diversos tipos a depender da demanda que é acolhida e do número de habitantes de uma determinada região. O CAPS tipo II atende adultos a partir dos 18 anos de idade em municípios acima de 70 mil habitantes. O perfil indicado para tratamento são pessoas que estão em intenso sofrimento psíquico podendo ser decorrentes de transtornos mentais graves e persistentes e/ou outras situações clínicas que prejudiquem a realização de atividades cotidianas. O papel desse serviço é promover uma vida comunitária, bem como a autonomia dos usuários a partir do cuidado por meio de Projetos Terapêuticos Singulares (PTS) construídos pela equipe multiprofissional, sendo substitutivo ao modelo manicomial. Nesse sentido, o CAPS preconiza o cuidado em liberdade e, conseqüentemente, a desinstitucionalização, mas muitos são os desafios. Em muitos casos, o CAPS acaba se tornando a principal rede de apoio de usuários que estão em tratamento e estes são nomeados como “crônicos” pelo serviço. Essa cronicidade não é designada somente a partir dos diagnósticos, mas principalmente pela relação sistêmica entre o CAPS, o usuário e o seu contexto, que acaba por institucionalizá-lo. Desse modo, essas reflexões sobre a desinstitucionalização partem do estágio obrigatório de Psicologia Social em um CAPS de um município do extremo Sul do Rio Grande do Sul. Então, considerando que o CAPS possui um caráter de reabilitação psicossocial, a desinstitucionalização é um processo que ocorre desde a inserção do sujeito no serviço até a sua alta da instituição. Esse cuidado do desinstitucionalizar parte desde atividades que promovam a autonomia dos usuários enquanto estão em tratamento, autonomia esta não relacionada à autossuficiência, mas principalmente à diversificação da rede de apoio. Assim, esse cuidado pode ser partilhado juntamente com a Atenção Básica, visto que o processo de alta se inicia desde o acolhimento no CAPS. A alta enquanto o ápice da desinstitucionalização deve ser feita por meio de uma construção com o usuário das possibilidades de espaços grupais e coletivos no seu território que sejam do seu interesse. Sendo assim, recomenda-se que essas problemáticas sobre a desinstitucionalização e a reforma psiquiátrica sejam aprofundadas em novos estudos.

* Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG

** Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG

REFERÊNCIAS:

BONGIOVANNI, Julia; SILVA, Rosane Azevedo Neves da. Desafios da desinstitucionalização no contexto dos serviços substitutivos de saúde mental. *Psicologia & sociedade*, v. 31, p. e190259, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2019v31190259>>. Acesso em: 26 nov. 2023.

BRASIL. *Centros de Atenção Psicossocial e Unidades de Acolhimento como lugares da atenção psicossocial nos territórios: orientações para elaboração de projetos de construção, reforma e ampliação de CAPS e de UA*. 2015. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/centros_atencao_psicossocial_unidades_acolhimento.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2023.

DA CRUZ GUEDES, Ariane *et al.* Transferência de cuidados: processo de alta dos usuários de um centro de atenção psicossocial. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 19, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.5216/ree.v19.43794>>. Acesso em: 26 nov. 2023.



Curso de Psicologia



ISBN 978-65-5754-213-2



9 786557 542132